

Terror(s)ismo: terror sem nome corporificado¹

Ana Belchior Melícias,² Lisboa

O objetivo deste trabalho é colocar em discussão o fenômeno do corpo individual do homem-bomba na sua relação com o corpo grupal da organização terrorista e como a sua interação pode criar uma onda sísmica global que propaga um terror sem nome do individual ao coletivo e vice-versa. A falha tectônica ou a fratura do desamparo e seus derivados traumáticos são o campo onde a psicanálise se apresenta como um corpo de saber privilegiado para a elaboração de conceitos transversais a este fenômeno – o terror sem nome (Bion, 1962a) e a articulação da maldade radical (1949) e da banalidade do mal (1963) de Arendt servindo de ponte para a compreensão dos processos psíquicos comuns à dimensão individual e à dimensão coletiva.

Palavras-chave: terrorismo, corpo-bomba, trauma, desumanização, psicanálise.

¹ A convite da Diretoria de Comunidade e Cultura da FEPAL, a SPP participou no 31º Congresso da FEPAL – Corpo. O Grupo de Trabalho de Lisboa preparatório ao Congresso foi coordenado por Ana Belchior Melícias e, neste tema específico, contou com a participação de Corina Fernandes e Maria Bibas Pereira (SPP). Pelo convite a colegas da SBPSP e da SPPPeru foi criada uma oficina inter-regional e intersocietária, apresentada em 15 de Setembro de 2016, em Cartagena, Colômbia. A oficina foi coordenada por Magda Khouri (SBPSP), com as comunicações de Ana Belchior Melícias (SPP), Corina Fernandes (SPP) e Sylvia T. P. Pupo Netto (SBPSP), comentadas por Jorge Bruce (SPPPeru) e Leopold Nosek (SBPSP).

² Psicanalista associada da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP), formadora do Instituto da SPP e psicanalista de crianças e adolescentes (COCAP-IPA).

“Nós amamos a morte, tanto quanto vocês amam a vida”.

Mohammed Siddique Khan³ (Roy, 2017)

O fenômeno do terrorismo volta a ganhar corpo na atualidade, embora seja um fenômeno desde sempre presente na história da humanidade em diferentes culturas, religiões e ideologias políticas e que levanta questões complexas e amplamente discutidas por políticos, geo-estrategistas, especialistas de alta segurança, sociólogos, antropólogos e psicanalistas. O nosso interesse é nos aproximarmos do funcionamento dos indivíduos (especificamente o homem-bomba) na sua relação com os grupos – através do conceito de *terror sem nome* (Bion, 1962a) e articulando a *maldade radical* (1949) e a *banalidade do mal* (1963) de Arendt como sinal inequívoco da idealização da pulsão de morte.

A visão dos primeiros quinze minutos do filme *Mil vezes boa noite*⁴ tornou-se o gatilho para pensarmos o corpo do homem-bomba; neste sentido, este trabalho diz respeito, mais especificamente, ao terrorismo global islâmico, na medida em que faz uso do corpo humano como arma, alimentando o fanatismo contra o pluralismo e a tolerância. Mas, seguindo Oz (2004, p. 14), sabemos que “O fanatismo é mais antigo que o Islão, mais velho que o Cristianismo, que o Judaísmo, que qualquer estado, governo ou sistema político, que qualquer ideologia ou fé no mundo. O fanatismo é, infelizmente, um componente onipresente da natureza humana...”.

Cientes da complexidade e magnitude de um dos acontecimentos mais perturbadores da atualidade e do perigo de generalizações simplificadoras, tentaremos levantar algumas questões, obrigando o pensamento a trabalhar na tentativa de encontrar algum sentido para um ato que desafia a compreensão humana. Como pensarmos clinicamente o uso onipotente da pulsão de morte e do narcisismo maligno? Haverá um estado totalitário da mente (Temple, 2006), à maneira de uma estrutura estável, seja na mente, seja nos sistemas político-institucionais que se retropotenciam? Podemos falar de uma mente terrorista ou de uma área terrorista dentro de cada mente, aproximando-nos dos processos de idealização das *partes más* do *self* na *gang* mafiosa de Rosenfeld (1987)? Como psicanalistas, teríamos de nos debruçar sobre a singularidade de cada indivíduo terrorista (sua cultura, sua história de vida, o que o levou a abandonar a sua trajetória e tornar-se uma peça, um corpo, uma bomba a serviço de uma causa). Podemos,

³ Líder do grupo responsável pelos atentados em Londres no dia 7 de Julho de 2005.

⁴ Título original *A thousand times goodnight*, 2013, realização de Erik Poppe, com Juliette Binoche, Nikolaj Coster-Waldau, Maria Doyle Kennedy, Chloë Annett.

pensar num terrorismo genérico, ou em diferentes tipos de terrorismo (de estado, nacionalista, separatista, religioso, político, financeiro, etc.), uns mais encapotados e sutis, outros mais expressivos e espetaculares, nas formas particulares da violência? Cabe ainda perguntar: “...justifica-se a violência calculada e premeditada contra sistemas de grande injustiça?” (Vendantam, 2008, p. 6)

Pensar o funcionamento terrorista abarca, portanto, inúmeras dimensões. Muitos autores da psicanálise têm contribuído ativamente na discussão multidisciplinar deste fenômeno, de forma relevante, ainda que parcial, dada sua pluridimensionalidade.

“Quem teria imaginado que o século XX seria imediatamente seguido pelo século XI?” (Oz, 2004, p. 15). O terrorismo remonta ao século XI com o grupo xiita conhecido como *Os Assassinos* atuando no norte da Síria e no Iran (Varvin, 2008). Já o termo terrorismo, cunhado pelo período nomeado de *O Terror*, na Revolução Francesa de Robespierre é considerado por vários autores como pouco preciso, para nomear um acontecimento ao qual convergem fatores psíquicos, sociopolíticos e culturais. Terrorista e herói podem tornar-se, ao longo do tempo, intercambiáveis. No entanto, optamos por seguir a etimologia da palavra terrorismo na medida em que ela aponta na direção da abordagem do nosso enfoque. A palavra é composta pelo sufixo *ismo* (doutrina, atividade) e pela palavra *terror*, do latim *terreo*, cujo verbo significa tremer. Deste modo, a palavra terrorismo significa, na sua origem, fazer tremer.

Nesse sentido, e como fio condutor deste trabalho, articulamos uma metáfora, através da palavra terror(s)ismo, seguindo três eixos: o corpo individual, o corpo grupal e o corpo global. O trauma representaria a falha tectônica. Tentaremos entrelaçar brevemente o encontro entre o trauma precoce individual e o evento traumático atual como precipitador da aderência à organização extremista, dando origem ao homem-bomba. Por seu turno, a organização terrorista, ao potencializar este trauma e instrumentalizá-lo, libertaria forças mortíferas, tornando-se seu epicentro e desencadeando o sismo. O corpo global seria o território pelo qual se propagaria a onda sísmica do *terror sem nome*, retroalimentando a magnitude do fenômeno referido.

O medo e os estados emocionais aterrorizantes estão inscritos em padrões instintivos de fuga, intimamente ligados à vivência corporal. Para Grotstein (2009, p. 276), “O terror, como o trauma, resulta da imprevista confrontação com a súbita e violentamente inesperada incerteza, antes que o nosso inconsciente tenha tido a oportunidade de criar uma experiência anterior à sua descoberta.”. O terror será sempre traumático.

Do *No-body* ao *Some-body*

A mente é a consequência da leitura contínua dos eventos que ocorrem no corpo, e entre esses eventos estão todas as percepções dos sentidos – aquilo que vemos, ouvimos, tocamos, cheiramos, provamos... Os eventos das percepções de um corpo, quando são lidos, tornam-se imagens na mente. Se não houver mente, não há imagens em lado nenhum... (Berger, 2008, p. 174).

Através dos primeiros quinze minutos do filme *Mil vezes boa noite*, visualizamos o desenrolar de imagens *extra-ordinárias* de um corpo-bomba a ser preparado e ativado, esforçando-nos por aceder a um *no-body*, que nos escorrega e se desvanece constantemente por ser da ordem da não-representação. Essas imagens condensam e figuram o ritual vida-morte, no qual o *acting-in* e o *acting-out* do terror sem nome são encenados como se de um casamento com a morte se tratasse, com os correspondentes rituais fúnebres do corpo sacrificial. O ritual, comum a muitas religiões, parece revestir-se de um ciclo de purificação pela terra, pela água e, finalmente, pelo fogo.

Inicialmente o corpo do *mártir* jaz numa cova funda, encenando um enterro em vida. A fragmentação e o aniquilamento do corpo do bombista-suicida não permitirão à família os rituais de despedida necessários perante a morte. Assistimos, assim, a uma espécie de purificação *pré-mortem* através da terra – *somos pó e ao pó retornaremos*. O corpo, teatralizando a morte humana, prepara-se para a morte desumana que, auto e hetero, infligirá. A separação colocada em cena parece ser o aniquilamento da dimensão humana, ou seja, a separação de um corpo diádico e humanizado.

O corpo é, então, retirado da cova e lavado através de um ritual de purificação pela água. Em “estado de graça”, como se de uma virgem para um casamento se tratasse, é preparado por mulheres. Ritual de purificação convertendo o assassino num herói a serviço de uma causa nobre e divina, apagando as ligações relacionais eu-outro. Casamento com Thanatos, no avesso de Eros. O corpo, *des-humanizado*, passa, então, a corpo monádico, anti-relacional, no qual a serenidade paira numa espécie de encapsulamento infra-humano.

Finalmente o corpo é (re)vestido de bombas, como uma segunda pele mortífera, preparando-o para a imolação, a purificação pelo fogo. O seu objetivo será a união fusional com o objeto ideal, divino, subtraindo aqui a dimensão humana da luta pulsional que compele o psiquismo a trabalhar continuamente no sentido de preservar o pensamento e a vida. “O objetivo último do martírio é poder restaurar de forma mágica e onipotente o esplendor do passado” (Grotstein, 2009,

p. 269). O mártir eleito, desumanizado, promoverá uma experiência de destruição e purificação total seguida de um renascimento messiânico.

O corpo será explodido, fragmentado, aniquilado (à semelhança das angústias psicóticas). Outros corpos serão desmembrados, pulverizados. Pela onda sísmica gerada, o corpo social e cultural será atingido e, fragilizado, passará a viver o terror traumático. O processo de purificação, representando, naturalmente, a transformação da morte em vida, torna-se, pelo avesso, um casamento ritualizado com a morte, no qual purificar o corpo traduz-se em matar. Segundo Bion (1962b), quando não há capacidade de *revêrie* materna, o bebê fica à mercê do terror sem nome, ou seja, da incapacidade de a mãe metabolizar sua angústia sensorial, produzindo -K e um terror sem nome, ao invés de um aparelho de pensar. Com precisão, López-Corvo traduz esta condição como “realmente grave pois o seio não só não impede o desejo de morrer, mas subtrai o desejo de viver” (López-Corvo, 2003, p. 186).

No entanto, no seu ato auto e hetero mortífero, o corpo do homem-bomba é, pela primeira vez, cuidado, olhado, reconhecido e até *amado*, o que possibilita a experiência de uma proto-existência. Num primeiro momento, este olhar prolonga-se ao longo do processo preparatório do que virá a constituir-se no seu sacrifício e, num segundo momento, no ato explosivo da morte, o ser olhado suspende o tempo, criando a ilusão da imortalidade, de passar a ser olhado para sempre. O corpo do mártir torna-se, ilusoriamente, *some-body*.

Esse corpo sacrificial falha, assim, na sua função somática, passando a míssil psicossomático aprisionado num corpo monádico (autoengendrado). E falha também na sua função psíquica de um corpo diádico (relacional), envelope de trocas e porosidades relacionais, fundadoras da alteridade e geradoras da matéria dos sonhos e das memórias de que somos feitos. “Na esfera de ausência de sonhos, o passado não faz sentido, a atualidade carece de vida e o futuro não existe... O monstruoso é o carente de sonhos” (Nosek, 2008, p. 35). O corpo-bomba – de um homem/mulher cujo pensamento foi erradicado (sem memória, sem julgamento) – atua o seu *terror sem nome* através da identificação projetiva maciça. Paradoxalmente, a extrema violência destrutiva do seu ato fica revestida de uma pureza absoluta.

“Este é o fascínio mortal de se tornar um ‘nobody’, sem uma mente e sem raízes no mundo. O ‘nobody’ não experimenta a alienação, ele a encarna. Para Arendt este é o maior mal.” (Covington, 2012, pp. 1215-1216). Assim sendo, a desumanização promovida pelas organizações extremistas e regimes totalitários sugere uma articulação dos conceitos de Hannah Arendt – *maldade radical* (1949) e *banalidade do mal* (1963) – como duas faces do terror:

A maldade radical evidencia, em primeira instância, uma face do processo de desumanização dos totalitarismos: a aniquilação da condição humana das vítimas. Enquanto a *banalidade do mal* revela, em segunda instância, a partir do caso concreto de Eichmann, o outro lado desse dito processo de desumanização que exerce o totalitarismo nos cidadãos, ou seja, perverter as suas capacidades de pensar e julgar (Botero & Granobles, 2013, p. 125).

Poderíamos nós pensar o corpo-bomba, que mata-morrendo, como expressão última da *banalidade do mal* (Arendt, 1963)? *Des-humanizado* (sem pensamento) passaria a funcionar em dissociação-denegação como aquela descrita nos *refúgios psíquicos* de Steiner (1997) e no *narcisismo maligno* (Rosenfeld, 1971), sob a ação da *maldade radical* (Arendt, 1949) da organização extremista?

O impacto sóciocultural – retorno à idealização, ódio ao estranho, culto à morte e desumanização – ao exprimir as angústias de aniquilação, transborda e poderá vir a retro-alimentar o circuito da compulsão à repetição, se o luto, a pensabilidade, a reflexão, o diálogo, a cultura e a humanização não conseguirem constituir-se como via de transformação do traumático, do transgeracional, do horror e da violência.

O corpo individual – a falha tectônica

O espaço trans-subjetivo é profundamente impreciso e ambíguo, de tal forma que tendemos a aceitar mesmo aquilo que seria inaceitável. (Amati Sas, 2002, *apud*. Nicolò, 2011, p. 13).

O homem-bomba não pode ser explicado unicamente do ponto de vista da psicopatologia individual, mas poderão as suas motivações diferir dos objetivos que a organização enquanto grupo procura atingir? Grotstein (2009) propõe, por exemplo, que resíduos de terror fetal persistem pós-natalmente e ficam embutidos no soma. Mas como compreender o papel do trauma, da vergonha e da humilhação na construção do homem-bomba?

“O fanatismo é, com frequência, intimamente relacionado a uma atmosfera de desespero profundo. Num lugar em que as pessoas sintam que não há nada além de derrota, humilhação e indignidade, podem recorrer a várias formas de violência desesperada” (Oz, 2004, p. 17). Sabemos que os sentimentos de ser dominado, invadido, humilhado, violentado, causam danos narcísicos severos, libertando uma raiva explosiva com consequências caóticas. Estas vivências intoleráveis têm efeitos

duradouros e rompem o *tecido da mente*, a barreira de contato e, finalmente, o próprio soma. Afinal, o que define o trauma é o fato de afetar a capacidade de dar sentido à experiência. Para López-Corvo (2014, p. 27), “Um fato pode tornar-se traumático quando uma série de condições, como, por exemplo, a intolerância à frustração, transformam um fato *temporal* num fato *permanente*”.

Para compreender por que indivíduos se tornam bombas humanas, corpos sacrificiais, necessitamos compreender o significado desses atos de violência extrema. Este autossacrifício difere daquele do soldado morto em combate, ou daquele que sacrifica apenas a si próprio quando é morto ou torturado. O que está aqui implicado é o assassinio do maior número de vítimas possível, uma simbiose entre matar e morrer na qual o indivíduo se torna simultaneamente vítima e algoz.

Vários autores chamam a atenção para a complexidade multifatorial envolvida nesta situação. No estado da mente sacrificial unem-se aspectos primários do psiquismo numa mistura explosiva: a erradicação do pensamento (Arendt, 1963), a geração do *no-body* e a *psicologia do follower* (Covington, 2012), o ataque ao pensamento no *-K* (Bion, 1965), o *narcisismo de morte* (Green, 1988) e o *narcisismo maligno* (Rosenfeld, 1971), todos configurando a idealização e o desejo de retorno a um lugar onipotente e oceânico.

Outros autores assinalam também, de um lado, o progressivo isolamento do terrorista suicida do seu ambiente familiar e social, abolindo os traços e as emoções constituintes da sua identidade; de outro, a vivência regressiva de dependência profunda ao grupo e ao líder carismático numa doutrinação totalitária em que ele já não é mais dono do seu próprio corpo, nem da sua mente, ou seja, da sua capacidade de pensar. É criada uma dinâmica patológica transpessoal, esbatendo-se a distinção entre o *self* e o outro, progressivamente imerso na mentalidade do grupo. Para ter como levar a cabo sua missão, o homem-bomba relacionar-se-ia unicamente com o objeto ideal, num estado de alienação crescente do seu mundo interno (*des-subjetivizado*) e do mundo circundante (*des-humanizado*). Sabemos que as marcas identificatórias devem ser transformadas pelo contato com a realidade, como nos diz Almeida (2010, comunicação oral); se não o forem: “...o sujeito fica colado à miragem e vertigem de um eu que não se sustenta e tem que destruir o outro, o inimigo, para manter a ilusão de sua coesão.” Como um conteúdo à espera de continente, a organização terrorista oferece-se enquanto lugar que tanto promove, quanto acolhe a despersonalização gerada: “A ideologia torna-se o guardião da identidade.” (Miller, 2006, p. 126).

De Masi (2011), Stein (2010) e Erlich (2008) apontam, ainda, para a dimensão da experiência mística de natureza transcendental, de êxtase paradisíaco, de submersão em algo maior que o próprio *self*. Nessas experiências, o Eu sente-se

excepcionalmente vivo, integrado e em contato com o universo. Todos os medos são, assim, transformados num terror monolítico, dirigido à obediência exclusiva a um deus, projetivamente transformado num superego tirânico que clama por vingança. Nesta militância tornada sagrada por um deus mortífero internalizado, o seu terror humano da morte parece ser, mágica e triunfantemente, convertido numa forma de culto e ele, num mensageiro aterrorizador.

A fratura do desamparo e seus derivados traumáticos na subjetividade constituem-se, portanto, como uma espécie de *falha tectônica*. O homem-bomba, erradicado da sua possibilidade de pensar/mentalizar, torna-se um corpo petrificado e congelado no tempo circular da unidimensionalidade, agindo o seu *terror sem nome* (Bion, 1962a) no próprio corpo, no grupo e na sociedade global. Figuraria este seu ato um estado *protomental* de terror interno explodindo em *elementos-beta* (Bion, 1962b)?

O corpo grupal – o epicentro do sismo

O elemento específico que envolve o terrorismo pode estar na união patológica do sofrimento individual com a mentalidade onipotente e destrutiva da organização política ou religiosa (De Masi, 2011, p. 106).

A organização terrorista ou corpo grupal configuraria, seguindo a nossa metáfora, o hipocentro do sismo, desencadeado pelo choque das placas tectônicas, libertando energia na crosta do planeta a que corresponderia o epicentro, ponto diretamente acima do hipocentro, ao nível do solo. Sabemos que o terror é a essência do regime totalitário. Mas a eficácia do terror totalitário – o sismo – radica acima de tudo na dessubjetivação.

A organização terrorista, utilizando as angústias primitivas que transbordam das suas estratégias, parece configurar a própria *maldade radical* (Arendt, 1949), no sentido da criação de um estado mental e grupal totalitário e tirânico, capaz de crimes atrozes. Essa face, no entanto, só será perpetuada e favorecida através da *banalização do mal* tal como Arendt (1963) apresenta, ou seja, a trivialização do mal gerado no vazio do pensamento e na impossibilidade de julgar. Ambas as noções de Arendt falam da desumanização. “A maldade radical dá conta de descrever os mecanismos de dominação e as estratégias totalitárias [...] enquanto a banalidade do mal parece referir-se mais a seus motivos e intenções” (Botero & Granobles, 2013, p. 125).

Arendt considera que, quando se aniquilam a pessoa jurídica e a pessoa moral, o último passo para a dominação total, ocorre a destruição da identidade ou humanidade da vítima. Esta é a última fase para converter os prisioneiros em ‘cadáveres vivos’ ou musulmanes (*muselmänner*). Levi utilizava a palavra “musulmán” para referir-se àqueles homens que tinham perdido tudo: seu cabelo, seu nome, sua roupa, seus costumes, seu pensamento, sua vontade, sua capacidade de julgar, sua capacidade para sofrer, etc. Os musulmanes são o produto do processo de desumanização. (Botero & Granobles, 2013, p. 111).

O processo de desumanização dos sistemas totalitários não pretende apenas acabar com a humanidade das vítimas, mas também dos vitimizadores, que podem a qualquer momento passar de acusadores a acusados, de carrascos a executados, de algozes a vítimas e aos quais só é permitido o cumprimento das ordens *sagradas* do líder, sem poderem já implicar-se eticamente no conteúdo das mesmas. Eichmann estava consciente dos seus atos, mas privado da sua pessoa moral, com uma *consciência substitutiva*. Isso, segundo Arendt, o torna mais perigoso, pois “comete seus delitos em circunstâncias que quase o impedem de saber ou intuir que realiza atos de maldade” (Arendt, *apud*. Botero & Granobles, 2013, p. 124).

Akhtar (2008) transpõe para a psicanálise o conceito de desumanização postulado por Arendt. Suas contribuições fornecem elementos para a reflexão sobre a *mente do terrorista* e de grupos ideológicos violentos, especialmente no que diz respeito à radical desconsideração pela própria vida e pela vida de suas vítimas. Em última instância, a desumanização permite a violência contra os outros e, em processo análogo, contra si mesmo, na medida em que impõe a desumanização do próprio *self*: “Nas palavras de Winnicott, quando não se podem encontrar condições para uma existência autêntica, ‘o suicídio é a destruição do *self* total, evitando a aniquilação do verdadeiro *self*’. Assim, é preferível uma morte digna a morrer na vergonha” (Akhtar, 2008, p. 132).

O martírio é o termo que melhor se adapta à organização terrorista, que evita nomear os seus atos extremos de suicídio/homicídio, por essa prática ser condenada na maioria das religiões. As organizações que se servem de bombas humanas são política e estrategicamente orientadas, enquanto as motivações do bombista-mártir parecem, ao contrário, estar acasaladas entre a desumanização promovida e o seu desespero, a sua falha identitária/tectônica. Identificado adesivamente (Bick, 1968), vestido com a segunda pele dos dogmas religiosos e fundamentalismos ideológicos da organização extremista, o bombista-suicida age – em antipensamento – a sua necessidade de vingança e de justiça. Poderíamos compreender esta vivência através da fantasia arcaica de identificação intrusiva? Do ataque ao interior do

corpo da mãe, nas suas diferentes modalidades de organização patológica como o *refúgio psíquico* (Steiner, 1997), a *gang mafiosa* (Rosenfeld, 1987), ou o *claustro* (Meltzer, 1992)?

No mundo totalitário e unidimensional, o objetivo é aniquilar a pluralidade e a subjetividade. Impõe-se o narcisismo primário ou maligno, no qual só cabe um, na recusa ao outro, à alteridade e à impossibilidade de viver em capacidade negativa, segundo o princípio da incerteza que, como psicanalistas, treinamos diariamente na clínica. Arendt dá conta da dificuldade de criação da intersubjetividade pelo estado saturado da mente: “As ideologias pretendem conhecer os mistérios de todo o processo histórico – os segredos do passado, as complexidades do presente, as incertezas do futuro – segundo a lógica inerente às suas respectivas ideias” (Arendt *apud* Botero & Granobles, 2013, p. 103). O seu corpo ideológico, erradicando o pensamento, transforma-se numa ação imperativa: todo aquele que não se ajuste a esta visão unidimensional, isto é, toda a diferença deve ser eliminada. “O desejo de destruição do outro, da incessante estrangeiridade do outro, seja em que nível for, é a marca do preconceito. No preconceito não há escolha. Há desejo de destruição e de anulação do outro” (Almeida, 2010, comunicação oral).

O corpo da organização teria a intenção estratégica de pôr em prática os pressupostos básicos teorizados por Bion para todos os grupos, num movimento unidirecional e unidimensional: aniquilar sendo aniquilado e matar morrendo condensados como única alternativa. O ataque promovido pela organização tem como objetivo primeiro destruir um alvo (de preferência o maior número possível de civis nas suas atividades cotidianas), mas o seu objetivo último será transformar-se numa arma psicológica, ou seja, tornar-se uma mensagem aterrorizante para uma audiência global.

Na maldade radical (*radical evil*) de Arendt, há uma intenção ativa baseada na onipotência e no narcisismo individual. Já na banalidade do mal (*banal evil*), há uma erradicação do pensamento e da própria existência. Parece ser através deste *não-pensamento* que, ao longo da história, os homens comuns e *burocratizados* têm sido instrumentos passivizados para conduzirem a exterminação em massa sob a ordem de regimes totalitários.

O corpo global – a onda sísmica

Há, no entanto, o fascínio de uma ideologia de ilusão à qual todos somos suscetíveis, especialmente quando a identidade individual ou grupal é ameaçada, ou quando o desenvolvimento da identidade foi comprometido desde o início (Covington, 2012, p. 1215).

O ato terrorista gera uma onda sísmica/expansiva de terror traumático de efeito vasto e difuso, desde o seu epicentro psicossomático para o social e o cultural até atingir proporções globais. Articula, assim, os processos psíquicos comuns à dimensão individual e à dimensão coletiva, de uma hiperrealidade e de um hipertrauma, atuados pelo inesperado do fator surpresa.

O corpo sócio-cultural no qual a organização se insere é de grande importância. O líder carismático poderá penetrar no tecido cultural, convocando a ferida traumática (histórica) do grande grupo, clamando por vingança com ações destrutivas e propagando no seu discurso o mito do herói-mártir. Tal como os indivíduos, os povos ou grupos estão sujeitos a carregar feridas traumáticas, verdadeiras falhas tectônicas. Assim, o corpo social pode viver uma fratura que, ao abrir-se, deixa a descoberto o poder destrutivo de forças inconscientes, cuja magnitude é passível de conduzir a uma destruição catastrófica. Isto, no caso de não existirem, ou de não serem suficientes os instrumentos para a elaboração/*revêrie* do trauma histórico, cujo continente daria significado e sentido aos indivíduos de um determinado grupo cultural.

O papel das mídias tradicionais e, especialmente, o recurso ao modelo viral da internet poderão ser utilizados como instrumento para a extensão virulenta da onda tectônica do terror sem nome, até atingir proporções globais. Alguns meios de comunicação jogam atualmente um papel proeminente quer na radicalização dos indivíduos, criando uma comunidade virtual de ódio, uma verdadeira “fraternidade da violência” (Miller, 2006, p. 126), quer na disseminação da sua mensagem de terror.

O impacto sócio-cultural corre o risco de retroalimentar o circuito da compulsão à repetição, enfatizando o perpetuar da destrutividade num círculo vicioso de vingança e de re-traumatização. A resposta ao *terror sem nome*, muitas vezes baseada no agir da identificação projetiva sob os auspícios da retaliação, há de gerar um circuito fechado de efeito retroativo. O que não será uma *resposta* e sim uma duplicação do mal, ao criar crateras ao nível do tecido social e cultural, minando a possibilidade de pensar o trauma coletivo e de conter as manifestações da transgeracionalidade traumática. Essa contrarresposta retaliatória consistiria, simultaneamente, numa ação reativa de evitar a dor e num meio primário de manutenção da identidade básica do grupo atacado.

As respostas contraterroristas, baseadas no recurso a máquinas de matar à distância, na ilusão de combater sem que os seus soldados morram, numa espécie de guerra sem corpo, seriam, também elas, consideradas terroristas. Os ataques seletivos à distância podem dar-nos a ilusão de que não há vítimas inocentes.

Porém, considerar outros seres humanos como danos colaterais é, em si, uma desumanização.

A onda sísmica propagar-se-ia e novamente bombas, corpos explodidos e feridas traumáticas ativariam novos ciclos de *terror sem nome*, perigosamente *banalizados*, caso não se encontre uma *revêrie* civilizatória capaz de figurar e *alfa-betizar* este grito de horror. Oz (2004, p. 17) defende a ideia “...que apenas os moderados de cada sociedade são capazes de conter os fundamentalistas. O Islã moderado é a única força que pode conter o Islã fanático.” As partes saudáveis do *self* são também aquelas capazes de conter as partes mais psicóticas da mente.

Concluindo

Estamos num campo instigante e complexo de investigação, uma vez que a violência do bombista-suicida, nos seus intrincados laços com a organização terrorista, é desafiadora para a compreensão humana dentro dos paradigmas de pensamento vigentes e também para a tarefa da psicanálise no sentido de conseguir oferecer alguma articulação com outros campos do conhecimento e contribuir para a sua reflexão.

A metáfora utilizada do terror(s)ismo permitiu-nos pensar e interligar os movimentos dialéticos do corpo individual-bomba ao corpo grupal-organização e deste ao corpo global-sociedade, reativando e, portanto, expandindo, muitas vezes em réplicas e tréplicas, o terror sem nome. De um lado, a falha tectônica do desamparo traumático facilmente encontra abrigo no desejo onipotente de idealização e unidimensionalidade. De outro, a organização totalitária, instrumentaliza, desumanizando e erradicando o pensamento, criando um sismo de dimensões catastróficas inter e intrassubjetivamente, cuja onda se alastra do individual ao coletivo e vice-versa.

Levantamos a hipótese de os conceitos de Arendt da *maldade radical* e da *banalidade do mal* se apresentarem complementares. A maldade radical, ao descrever as estratégias de dominação do totalitarismo, nos leva diretamente aos aspectos mais primitivos, onipresentes e evidentes do ser humano, enquanto a banalidade do mal, como a outra face, seria o que verdadeiramente sustenta o estado mental, ou os regimes totalitários, ao referir-se à destruição da identidade e da alteridade, num processo concertado de *des-subjetivação*, *des-humanização* e *des-personalização*, considerado por Arendt o mais perigoso.

Ao erradicarem o pensamento e a diferença, os sistemas totalitários e, diríamos, narcísicos, promovem uma *banalização/burocratização de agentes do*

terror, seja no nível interno (gang mafiosa, refúgios psíquicos), seja no nível mais institucional (funcionamento em pressupostos básicos), ou global (regimes políticos, financeiros etc.), visível na massificação *desejável* do mundo contemporâneo.

Apenas a *reverie* civilizatória da pensabilidade, da reflexão, do diálogo, da humanização constitui a via de transformação do traumático, do transgeracional, do horror e da violência, ao permitir contenção e elaboração através da narratividade e da cultura.

Diz o Grão Kublai Kan, imperador dos tártaros, ao jovem explorador veneziano Marco Polo: – Tudo é inútil, se o último local de desembarque tiver de ser a cidade infernal e é lá no fundo que, numa espiral cada vez mais apertada, nos chupa a corrente.

E Marco Polo: – O inferno dos vivos não é uma coisa que virá a existir; se houver um, é o que já está aqui, o inferno que habitamos todos os dias, que nós formamos ao estarmos juntos. Há dois modos para não o sofreremos. O primeiro torna-se fácil para muita gente: aceitar o inferno e fazer parte dele a ponto de já não o vermos. O segundo é arriscado e exige uma atenção e uma aprendizagem contínuas: tentar e saber reconhecer, no meio do inferno, quem e o que não é inferno e fazê-lo viver e dar-lhe lugar (Calvino, 2016, p. 174). □

Abstract

Terror(s)ism: embodied nameless terror

The aim of this paper is to consider the phenomenon of the individual body of the suicide bomber (*body-bomb*) in relation to the group body of the terrorist organization. It will reflect on how their interaction can create a global seismic wave disseminating an *unnamed terror* from the individual to the collective and vice versa. The *tectonic failure* characterized by fractured helplessness and its traumatic derivatives, is a field in which psychoanalysis offers a privileged body of knowledge. This enables a working through of concepts related to these phenomena, including Bion's *nameless terror* (1967) and Arendt's *radical evil* (1949) and *banality of evil* (1963). Psychoanalysis thus operates as a bridge, articulating the psychic processes shared by the individual and the collective.

Keywords: terrorism, suicide-bomber (*body-bomb*), trauma, dehumanisation, psychoanalysis.

Resumen

Terror(s)ismo: terror sin nombre corporeizado

El objetivo de este trabajo es discutir el fenómeno del cuerpo individual del hombre bomba en su relación con el cuerpo grupal de la organización terrorista y cómo su interacción puede crear una ola sísmica global que propaga un terror sin nombre de lo individual a lo colectivo y viceversa. La *falla tectónica* o la fractura del desamparo y sus derivados traumáticos son el campo en el que el psicoanálisis se presenta como un cuerpo de saber privilegiado para la elaboración de conceptos transversales a ese fenómeno: el *terror sin nombre* (Bion, 1962a) y la articulación de la *maldad radical* (1949) y de la *banalidad del mal* (1963) de Arendt sirven de puente para la comprensión de los procesos psíquicos comunes a la dimensión individual y a la dimensión colectiva.

Palabras clave: terrorismo, cuerpo bomba, trauma, deshumanización, psicoanálisis.

Referências

- Akhtar, S. (2008). Desumanização: origens, manifestações e soluções. In S. Varvin & V. Volkan (Org.). *Violência ou diálogo? Reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo*. São Paulo: Perspectiva.
- Almeida, M. C. P. (2010). *Estranho Eu*. Texto não publicado. Apresentado na mesa sobre Preconceito no Encontro da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, de 18 a 20 de novembro de 2010, na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.
- Arendt, H. (1963). *Eichmann in Jerusalem: A report on the banality of evil*. New York: The Viking Press.
- Arendt, H. (1949). *As origens do totalitarismo* (Trad. Roberto Raposo). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- Berger, J. (2008). *De A para X: cartas de amor*. Porto: Civilização, 2009.
- Bick, E. (1968). A experiência da pele na relação com objetos arcaicos. In *Melanie Klein Hoje* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. 1991.
- Bion, W. R. (1962a). *Learning from experience*. London: Karnac, 1984.
- Bion, W. R. (1962b). A theory of thinking. In *Second Thoughts*. London: Karnac, 1993.
- Bion, W. R. (1965). *Transformations*. London: Karnac, 1984.
- Botero, A. J. & Granobles, Y. L. (2013). El mal radical y la banalidad del mal: las dos caras del horror de los regímenes totalitarios, desde la perspectiva de Hannah Arendt. *Universitas Philosophica* 60, 30, 99-126.

- Calvino, I. (2016). *As cidades invisíveis*. (Trad. José Colaço Barreiros, 3ª ed.). Lisboa: Dom Quixote.
- Covington, C. (2012). Hannah Arendt, evil and the eradication of thought. *The International Journal of Psychoanalysis*, 93,1215–1236.
- De Masi, F. (2011). *The enigma of the suicide bomber. A psychoanalytic essay*. London: Karnac.
- Erlich, H. S. (2008). Reflexões sobre a mente terrorista. In S. Varvin e V. Volkan (Org.). *Violência ou diálogo? Reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo*. São Paulo: Perspectiva.
- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.
- Grotstein, J. (2009). Waging holy war in the sacred body of the godhead. *International Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, 6(4), 262-282.
- López-Corvo, R. (2003). *The Dictionary of the work of W. R. Bion*. London: Karnac.
- López-Corvo, R. (2014). *Traumatized and non-traumatized states of the personality: a clinical understanding using Bion's approach*. London: Karnac.
- Meltzer, D. (1992). *O Claustro: uma investigação dos fenômenos claustrofóbicos*. Londres: Karnac. 2015.
- Miller, L. (2006). Analysis of the Terrorist Mind. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 50 (2), 121-138.
- Nicolò, A. M. (2011). *Foreword of De MASI, F. The enigma of the Suicide Bomber. A Psychoanalytic Essay*. London: Karnac.
- Nosek, L. (2008). O Terror na vida cotidiana: revisitando Mr. Kurtz. In S. Varvin e V. Volkan (Org.). *Violência ou diálogo? Reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo*. São Paulo: Perspectiva.
- Oz, A. (2004). *Contra o fanatismo* (Trad. Denise Cabral). Rio de Janeiro: Ediouro.
- Rosenfeld, H. (1971). A clinical approach to the psychoanalytic theory of the life and death instincts: an investigation into the aggressive aspects of narcissism. *International Journal of Psychoanalysis*, 52, 169-78.
- Rosenfeld, H. (1987). *Impasse e Interpretação: fatores terapêuticos e antiterapêuticos no tratamento psicanalítico de pacientes neuróticos, psicóticos e fronteirios*. Rio de Janeiro: Imago. 1988.
- Roy, O. (2017) Quem são os novos jihadistas? In: *Jihad and death: the global appeal of islamic state*. Recuperado de www.publico.pt
- Stein, R. (2010). *For love of the father. A psychoanalytical study of religious terrorism*. Califórnia: Stanford University Press.
- Steiner, J. (1997). *Refúgios psíquicos: organizações patológicas em pacientes neuróticos, psicóticos e fronteirios*. Rio de Janeiro: Imago.
- Temple, N. (2006). Totalitarianism: the internal world and the political mind. *Psychoanal. Psychother.*, 20, 105-114.
- Varvin, S. (2008). Terrorismo e vitimização: dinâmicas individual e de grandes grupos, In S.

Varvin & V. Volkan (Org.). *Violência ou diálogo? Reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo*. São Paulo: Perspectiva.

Vendantam, S. (2008). Quando a violência se disfarça de virtude: uma breve história do terrorismo. In S. Varvin & V. Volkan (Org.). *Violência ou diálogo? Reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo*. São Paulo: Perspectiva.

Recebido em 27/07/2017

Aprovado em 11/10/2017

Revisão técnica de **Cristiano Freitas Frank**

Ana Belchior Melícias

Praça das Águas Livres – 8 – SL 1

1250-001 – Lisboa – Portugal

e-mail: ana.melicias@gmail.com

© *Ana Belchior Melícias*

Versão em português (Brasil) da Revista de Psicanálise – SPPA